



VOZ DA FÁTIMA

«Gosto tanto do Coração Imaculado de Maria! É o Coração da nossa Mãezinha do Céu. Tu não gostas tanto de dizer muitas vezes: Doce Coração de Maria, Imaculado Coração de Maria? Eu gosto tanto, tanto! Colhendo flores pelo campo, punha-se a cantar com uma música por ela improvisada: «Doce Coração de Maria, sede a minha salvação. Imaculado Coração de Maria, convertei os pecadores, livrai as almas do inferno».

(Da vida da Jacinta, vidente da Fátima)

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LIII N.º 626
13 DE NOVEMBRO DE 1974
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

EM SETEMBRO DE 1975:

I Congresso Nacional dos Chefes de Trezena

COMUNICADO DA ASSEMBLEIA GERAL DA FÁTIMA

1. Conforme previsto, realizou-se, de 3 a 5 de Outubro de 1974, no Santuário da Fátima, o Primeiro Encontro Nacional dos Chefes de Trezena, estando presentes cerca de trezentos e cinquenta.

2. Os horários distribuíram-se, em partes sensivelmente iguais, pela oração e pelo trabalho, já que, por um lado, este Encontro deveria proporcionar a cada um dos participantes a ocasião de, em família, celebrar o amor de Deus, que em Fátima se nos deu, por Maria, e, por outro, de reflectir sobre os fundamentos da acção cristã que nos propomos levar a cabo na associação.

3. Na manhã do dia 4, foram-nos propostos três temas fatimistas: a interioridade, o Coração de Maria, e a reparação. Reconheceu-se que, sendo Fátima centro de peregrinação para grandes massas do povo cristão, se corre um certo risco de procurar satisfação em práticas exteriores, mais ou menos religiosas, enquanto que a Mensagem de Nossa Senhora aponta essencialmente para o Coração, como o verdadeiro centro em que o devoto de Fátima deve deixar que Deus penetre, para que daí irradiem manifestações mais autênticas do amor que pode conduzir à paz.

4. Na discussão dos estatutos, na tarde do dia 4, inclinou-se a assembleia para a opinião de que os Cruzados, permanecendo obra auxiliar da Acção Católica, deverão alargar a sua acção como coluna de apoio, espiritual e material, a todos os movimentos de apostolado que, em união com a hierarquia, se propõem implantar, no mundo, a paz de Jesus Cristo. Mais se acordou em que, seja qual for a evolução dos movimentos de apostolado, os Cruzados da Fátima encontram na Mensagem de Nossa Senhora razão suficiente para a sua existência, como fermento cristão, no mundo e na Igreja dos nossos dias.

5. Algumas vezes, no decorrer do Encontro, vieram à tona os problemas com que se debate actualmente a Nação, e a necessidade de se recorrer à oração — concretamente ao terço do Rosário — para que o Se-

nhor nos conceda a graça de uma paz justa e dinâmica. Sublinhou-se, a propósito, que devem evitar-se dois extremos: por um lado, o aproveitamento abusivo de Fátima como arma anti-comunista, aproveitamento que poderia desvirtuar a Mensagem da Fátima (segundo a qual a conversão da Rússia está dependente da nossa própria conversão) com o inconveniente de se dividir simplesmente a Humanidade entre crentes e descrentes, esquecendo a luta justa que travam as classes e os países mais pobres por um equilíbrio social que favoreça a paz; por outro lado, seria traição à Fátima calar-se o pedido de Nossa Senhora em favor da conversão da Rússia, como se o mesmo não fosse lugar central da Mensagem, e as intenções sociais dos regimes políticos pudessem fazer esquecer o seu ateísmo militante.

6. Acerca da Voz da Fátima foram numerosas as intervenções

da vasta assembleia, quer relativamente a problemas de administração, quer sobre a qualidade do jornal. Em clima de muita sinceridade, alguns manifestaram-se satisfeitos com o órgão dos Cruzados, enquanto outros revelaram manifestamente que ele não interessava aos seus leitores, e todos sugeriram pistas que permitirão, num futuro breve, fazê-lo responder melhor às exigências da maior parte. Assim, os jovens presentes pediram que os ajudássemos a reflectir sobre a actual conjuntura nacional e as suas relações possíveis com a Mensagem da Fátima, enquanto outros propuseram que se voltasse a publicar uma secção infantil, com a vida dos videntes. A todos foi sugerido que iniciem diálogo escrito com o jornal, a fim de que este se mantenha mais vivo e atento aos problemas hodiernos. Dada, com efeito, a vasta rede humana que ele atinge, e o seu carácter nacional, é indispensável que a sua qualidade

seja de molde a responder às responsabilidades cada vez mais vivas da consciência cristã.

7. Terminou o Encontro com a Eucaristia, celebrada na basílica, e a via-sacra aos Valinhos. Profundamente tocados pelo clima destes dias, os chefes de trezena partiram decididos a fazer tudo para que a sua acção junto dos Cruzados ultrapasse a todo o momento fases mais superficiais, e se situe num contacto íntimo que atinja o coração das pessoas; Nossa Senhora pediu-nos amor ao seu Coração para que, assemelhando-nos mais a Ela, nos assemelhemos mais a Seu Filho Jesus Cristo. A Ele seja dada toda a honra e toda a glória, pela nossa associação.

8. Finalmente, decidiu a assembleia que se realize, na segunda semana de Setembro do próximo ano, o primeiro Congresso Nacional dos Chefes de Trezena.

Fátima, 5 de Outubro (primeiro sábado) de 1974.



O I Encontro Nacional dos Chefes de Trezena dos Cruzados da Fátima reuniu no Santuário, de 3 a 5 de Outubro, cerca de 350 participantes que aqui vemos na gravura. Há-os de todas as idades, incluindo uma senhora de Lisboa, com 91 anos. Foi um encontro muito positivo e dele esperamos os melhores frutos com as bênçãos de Nossa Senhora. É por Ela e pelo cumprimento da Sua mensagem que todos trabalhamos.

Os Primeiros Sábados

«Da prática da devoção dos Primeiros Sábados unida à consagração ao Imaculado Coração de Maria depende a guerra ou a paz do mundo; por isso eu desejo tanto a sua propagação e sobretudo por ser essa a vontade do nosso Bom Deus e de nossa tão querida Mãe do Céu» (Ir. Lúcia, 19-3-1939).

ORIGEM

Na aparição do dia 13 de Julho de 1917 na Fátima disse Nossa Senhora: «Para a impedir (a guerra), virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados».

Veio efectivamente a Santíssima Virgem pedir esta devoção? Quando?

No dia 10 de Dezembro de 1925 (oito anos depois das manifestações da Fátima), estando a vidente no seu quarto, em Pontevedra, Espanha, apareceu-lhe Nossa Senhora tendo numa das mãos o seu Coração cercado de espinhos. O Menino Jesus, que estava ao lado, suspenso numa nuvem, pronunciou estas palavras:

— «Tem pena do Coração de tua Santíssima Mãe, que está coberto de espinhos, que os homens ingratos a todos os momentos lhe cravam, sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar».

Em seguida, disse a Santíssima Virgem:

— «Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos, que os homens ingratos a todos os momentos lhe cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de me consolar, e diz que todos aqueles que durante cinco meses, no primeiro sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um terço e me fizerem quinze minutos de companhia, meditando nos quinze mistérios do Rosário com o fim de me desagravar, eu prometo assistir-lhes na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação».

A vidente comunica ao confessor e à superiora o pedido que o céu lhe tinha feito. Jesus, que como vimos acima tomou a iniciativa desta devoção, vem, passados dois meses, pedir contas dos esforços levados a cabo para propagar tal devoção. Foi no dia 15 de Fevereiro de 1926, de novo em Pontevedra, Espanha, como Lúcia conta numa carta ao confessor de então Mons. Manuel Pereira Lopes, Vigário-Geral da Diocese do Porto:

— «No dia 15, andava eu muito ocupada com o meu officio, e quase nem disso me lembrava. E, indo eu deitar um apanhador de lixo fora do quintal onde, alguns meses atrasados, tinha encontrado uma criança, à qual tinha perguntado se ela sabia a Ave-Maria; e, respondendo-me que sim, lhe mandei que a dissesse, só. Mas, como ele se calou e não foi capaz de dizer, só, a Ave-Maria, perguntei-lhe se ele sabia qual era a igreja de Santa Maria. Respondeu-me que sim. Disse-lhe que fosse lá todos os dias e que dissesse assim: ó minha Mãe do Céu, dai-me o Vosso Menino Jesus! En-

sinei-lhe isto, e vim-me embora.

No dia 15-2-1926, voltando eu lá, como é de costume, encontrei ali uma criança, que me parecia ser a mesma. E perguntei-lhe então:

— Tens pedido o Menino Jesus à Mãe do Céu?

A criança volta-se para mim e diz:

— E tu tens espalhado, pelo mundo, aquilo que a Mãe do Céu te pediu?

E, nisto, transforma-se num Menino resplandecente. Conhecendo, então, que era Jesus, disse:

— Meu Jesus! Vós bem conheceis o que o meu confessor me disse na carta que Vos li: Dizia que era preciso que aquela visão se repetisse; que houvesse factos para que fosse acreditada; e a Madre Superiora, só, a espalhar este facto, nada podia.

— É verdade que a Madre Superiora só nada pode; mas, com a minha graça, pode tudo. E basta que o teu confessor te dê licença, e a tua Superiora o diga, para que seja acreditado, até sem se saber a quem foi revelado.

— Mas o meu confessor dizia, na carta, que esta devoção não fazia falta no mundo, porque já havia muitas almas que Vos recebiam, aos primeiros sábados, em honra de Nossa Senhora e dos 15 mistérios do Rosário.

— É verdade, minha filha, que muitas almas os começam, mas poucas os acabam; e, as que os terminam, é com o fim de receberem as graças que aí estão prometidas; e me agradam mais as que fizerem os 5 com fervor e com o fim de desagravar o Coração da tua Mãe do Céu, que os que fizerem os 15, tíbios e indiferentes.

— Meu Jesus! Muitas almas têm dificuldade em se confessar ao sábado: se Vós permitísseis que a confissão de oito dias fosse válida?

— Sim. Pode ser de muitos mais dias ainda, contanto que estejam em graça no primeiro sábado, quando me receberem; e que nessa confissão anterior tenham feito a intenção de com ela desagravar o Sagrado Coração de Maria.

— Meu Jesus! E as que se esquecerem de formar essa intenção?

— Podem-na formar logo na outra confissão seguinte, aproveitando a primeira ocasião que tiverem de se confessar.

Nisto, desapareceu, sem que até hoje eu saiba mais nada dos desejos do Céu. E quanto aos meus são que nas almas se acenda a chama do amor divino; e que elevadas neste amor, consolem muito o Sagrado Coração de Maria!»

Subsistia uma dificuldade. A devoção ao Imaculado Coração de Maria, que agora era pedida, constituía parte preponderante do segredo, confiado e mandado guardar na aparição de 13 de Julho de 1917.

Podia agora revelá-lo? A vidente aproximava-se de quem lhe podia tirar a dúvida.

Estando na capela, em Tui, Espanha, no dia 17 de Dezembro de 1927 foi junto do sacristão perguntar a Jesus como satisfaria o pedido que lhe era feito: Se a origem da devoção ao Imaculado Coração de Maria estava encerrada no segredo que a Santíssima Virgem lhe tinha confiado.

Jesus, com voz clara, fez-lhe ouvir estas palavras:

— Minha filha, escreve o que te pedem; e tudo o que te revelou a Santíssima Virgem, na aparição em que falou desta devoção, escreve-o também; quanto ao resto do segredo, continua o silêncio.

Passados três anos, em 1930, Nosso Senhor faz nova concessão para tornar mais fácil o cumprimento deste piedoso exercício: «Será igualmente aceita a prática desta devoção no domingo seguinte ao primeiro sábado, quando os meus sacerdotes, por justos motivos, assim o concederem às almas».

Resumindo: A Virgem Santíssima mostrou o seu Coração rodeado de espinhos, que significam os nossos pecados. Pediu que fizéssemos actos de desagravo para lhos tirar com a devoção reparadora dos cinco primeiros sábados. Em recompensa, promete-nos «todas as graças necessárias para a salvação»; isto é, a graça de efectivamente nos salvarmos.

CONDIÇÕES

As condições para ganhar o privilégio dos primeiros sábados são quatro:

1. CONFISSÃO. Para cada primeiro sábado é precisa uma confissão com intenção reparadora. Pode fazer-se em qualquer dia antes ou depois do primeiro sábado, contanto que se receba a Comunhão em graça.

A vidente perguntou: — «Meu Jesus, as (pessoas) que se esquecerem de formar essa intenção (reparadora)? Jesus respondeu: — Podem formá-la na confissão seguinte aproveitando a primeira ocasião que tiverem de se confessar».

As outras três condições devem cumprir-se no próprio 1.º sábado, a não ser que algum sacerdote, por justos motivos, conceda que se possam fazer no domingo a seguir.

2. A COMUNHÃO REPARADORA.

3. O TERÇO.

4. A MEDITAÇÃO, durante 15 minutos, de um só mistério, de vários ou de todos. Também vale uma meditação ou explicação de 3 minutos antes de cada um dos cinco mistérios do terço que se está a rezar.

Em todas estas quatro práticas deve-se ter a intenção de desagravar o Imaculado Coração de Maria.

A devoção dos Primeiros Sábados foi aprovada e tornada pública pelo Senhor Bispo de Leiria Dom José Alves Correia da Silva, na peregrinação do dia 13 de Setembro de 1939, na Fátima.

Conclusão: Façamos os Primeiros Sábados:

— Para cumprir a vontade de Deus.

— Para desagravar o Imaculado Coração de Maria.

— Para nos tornarmos dignos da promessa da salvação.

P. FERNANDO LEITE

Encontro dos Chefes de Trezenã

TESTEMUNHO DUMA PARTICIPANTE

Vim de longe dum cantinho perdido no Baixo Alentejo e o estar aqui custou-me não poucas preocupações. Mas desde que li na Voz da Fátima que o Senhor Reitor tencionava reunir no Santuário os humildes ardinas de Nossa Senhora, que mais não fosse para fortalecer os laços que nos unem no desempenho do nosso humilde mas por vezes árduo trabalho de distribuir a sua mensagem, aderi de alma e coração a tão formosa ideia, certa de que estes dias passados na casa da Mãe deixariam na nossa alma indelével recordação para os dias de chuva e frio que se avizinham para quando andarmos de porta em porta a entregar jornais recebendo muitas vezes em troca um sorriso de desdém.

Então a lembrança destes dias passados na alegria e na paz, na oração e no trabalho, aos pés de Nossa Senhora sob a luz suavíssima do seu olhar, há-de ser para nós força e alento para a caminhada por vezes difícil da nossa vida espiritual para levarmos com o sorriso nos lábios e custe o que custar a mensagem divina àqueles que a não conhecem.

A maior parte dos homens de hoje, fascinados por um ideal de falsa grandeza e de falaz glória, rejeitam a crença em Deus, preferindo-lhe a crença em si mesmos. Se tirarmos do mundo humano a luz da fé em Deus, esse mundo ficará sem sentido válido. Inata como é no humano a tendência para o divino, o homem ou crê em Deus e se realiza a si mesmo em

grandeza e em glória, ou não crê em Deus, e atralça a sua natureza e as suas mais lídimas aspirações.

É preciso que nós sejamos fochos de luz a iluminar as trevas do erro e da ignorância religiosa e levemos as almas a reflectirem no seu destino eterno e na existência de Deus, Senhor e Criador de todas as coisas que existem no céu e na terra. É essa a vontade de Deus e o nosso sagrado dever. Avante, custe o que custar, pela extensão do Reino de Cristo nas almas e para apressarmos na terra o triunfo do Imaculado Coração d'Aquela que é a Mãe de Deus e mãe dos homens.

Ao terminar, desejo apresentar em meu nome pessoal e no de todos aqui presentes ao senhor Reitor, Dr. Luciano Paulo Guerra, alma de fogo toda posta ao serviço de Deus em cujo pensamento se gerou esta ideia e a acarinhou com o amor de quem a criou e tornou possível, a expressão sincera do nosso muito obrigado pela maneira gentilíssima, delicada e toda doação com que nos recebeu. Obrigado, Rev.º Senhor, que Deus vos abençoe, guarde e vos conceda muitos e longos anos de vida com saúde e alegria para poderdes, como no presente, estar à frente do destino do Santuário para maior glória de Deus e da Virgem N.ª Senhora, e para bem das almas que a visitarem. São os meus e de todos aqui presentes e de muitos milhares de ausentes os mais ardentes e sinceros votos.

Encerramento do Ano Santo em Portugal

Decorreram com o maior fervor e espírito cristão as celebrações do encerramento do Ano Santo em Portugal, em 12 e 13 de Outubro, no Santuário da Fátima, em que participaram centenas de milhares de peregrinos de todo o país e de numerosas nações estrangeiras.

O tema da peregrinação — «A paz, fruto da reconciliação» — foi posto à consideração dos peregrinos, mesmo antes da partida para a Fátima, e aqui, através de reflexões colectivas e de grupos de casais e de jovens.

Foi grande a representação estrangeira: Da Alemanha estiveram cinco grupos no total de cerca de 1.000 peregrinos (de Munique, Dortmund, Augsburg, Trier e Colónia); da Áustria, França, Inglaterra, Irlanda, Canadá, Espanha, América do Norte e outros países, vieram milhares de peregrinos com numerosos sacerdotes. Dias antes havia estado na Fátima, onde celebrou missa, D. José Sepúlveda, bispo de Tuxtla, do México.

Na manhã do dia 13 chegou um grupo de 44 peregrinos da Eslovénia (Checoslováquia) com 6 padres.

Presidiu à peregrinação o sr. D. João António Saraiva, bispo de Coimbra, e tomaram parte os srs. arcebispos de Évora, Mitilene, Lamego, Beja, bispos de Leiria, Guarda, Viseu, Portalegre, Dili, resignatário de Leiria, bispos de Telepte e de Tagária, auxiliar de Braga e o

bispo de Dili (Timor).

No dia 12, tiveram especial realce a procissão ao calvário húngaro que culminou com a celebração eucarística de sacerdotes portugueses e estrangeiros, a reza do terço na capelinha, às 17 horas, e a saudação a Nossa Senhora e aos irmãos de outras línguas, às 19 horas na mesma capelinha.

Às 22.30 realizou-se a procissão das velas que percorreu o recinto. Milhares e milhares de peregrinos acompanharam a imagem de Nossa Senhora pelo recinto.

Em seguida efectuou-se a celebração eucarística presidida pelo sr. bispo de Leiria. Fez a homilia o Rev. Dr. António Marcelino, de Portalegre, que, referindo-se ao tema da peregrinação, disse: «Hoje em Fátima, para além do encontro íntimo e incontrolável que Deus marca na consciência de cada um de nós, sugere-nos um exame de consciência individual e colectivo à maneira como somos ou não fiéis ao espírito das bem-aventuranças e ao nosso compromisso temporal, ou seja ao modo como estamos edificando a paz na nossa sociedade portuguesa. «Bem-aventurados os que promovem a paz. Eles serão chamados Filhos de Deus». Assim proclamou Cristo no Sermão da Montanha».

Durante a noite, milhares de peregrinos fizeram adoração ao Santíssimo Sacramento exposto num dos

altares da colunata. O turno das 6 às 7 h foi feito por peregrinos de língua inglesa.

Os actos do dia 13 foram a celebração do rosário às 8 h, a procissão da imagem de Nossa Senhora com a participação dos bispos e de 170 sacerdotes, já paramentados para a celebração da Eucaristia presidida pelo sr. bispo de Coimbra, no altar central do recinto.

Depois das leituras, o sr. bispo de Coimbra proferiu a homilia que publicamos na última página.

A oração universal foi proferida nas línguas portuguesa, inglesa, alemã, italiana, espanhola, húngara e eslava. Comungaram cerca de 30.000 peregrinos. O sr. bispo de Dili deu a bênção eucarística a 300 doentes.

As cerimónias terminaram com a procissão do «adeus».

Não se assinalou qualquer incidente a perturbar a ordem e a tranquilidade dos peregrinos e o ambiente de fervor e religiosidade que todos viveram nesta grandiosa peregrinação.



O bispo de Augsburg (Alemanha) que presidiu a uma peregrinação de 350 fiéis da sua diocese, em 13 de Setembro passado.

Fátima no Presente e no Futuro

Regresso de Fátima, esmagado pelo sobrenatural.

Ali, os homens são infalivelmente pequenos em face da grandeza misteriosa que os ultrapassa.

Ali, tudo é simples e majestoso, nada e infinito.

Ali, os planos humanos cedem o passo aos planos divinos, naturalmente, inesperadamente, de surpresa.

A romagem que empreendemos não a toldavam nuvens de qualquer espécie: no céu do espaço ou no céu do espírito. Era uma romagem de certezas, de clariades, daquelas certezas e clariades que enchem 57 anos de Fátima.

Um sol de Outono, morno e acariciador, seguiu conosco desde as abas da Estrela até aos cimos de Aire.

As estradas não acusavam trânsito anormal, o que num primeiro instante nos fez crer que os romeiros haviam sucumbido à intimidação.

Mas foi obra de um instante, que a ampla esplanada, pontilhada de luzes que espreitavam na noite, era um símbolo exacto, fiel, da alma lusa, profundamente devota da Senhora que, há 57 anos, lhe confiou enormes segredos, alguns dos quais se realizaram já, e outros aguardam cumprimento. E quem sabe se a hora da realização não estará para bater...

A ampla esplanada era a catedral onde Portugal estava de sentinela.

Fátima tem sido objecto de ataques, de críticas. Isto não surpreende: a mensagem entregue a homens há-de receber deles inevitavelmente algumas sombras.

Mas aqueles que a atacam e, entre eles, responsáveis — a estes nos referimos — não dão pelo contra-senso: atacam-se a si mesmos, que não foram capazes de tolher alguns desvios.

Fátima em 1974 é igual a si mesma: no espírito de fé, na capacidade de sacrifício, na devoção profunda, no número esmagador. Calcularam-se 300 mil pessoas. Donde vieram? Como surgiram ali num instante, desmentindo certos órgãos de informação que parece terem

ido ali para relatar a morte de Fátima? Como? Não se sabe. O que se sabe é que Portugal esteve presente.

E esteve não para manifestações alienantes, à margem da Mensagem, mas só para viver a Mensagem.

Do Minho ao Algarve, Portugal disse: Presente!

Mas Fátima em 1974 foi diferente: no silêncio profundo, na majestade do cerimonial, na grandeza das celebrações, nas afirmações que ali se fizeram. O bispo de Coimbra e o dr. Marcelino não voltaram costas ao nosso tempo para se refugiarem comodamente no passado. Homens do seu tempo a falarem para homens do seu tempo. A verdade é a força maior quando o seu brilho se aquece ao calor da caridade.

Aqueles que, em nome de Cristo, recusam honrar a Senhora sua Mãe deviam fazer-se romeiros de Fátima e presenciar uma noite inteira Portugal renascendo das suas imperfeições para poder dignamente tomar lugar no banquete de Cristo.

E tudo numa harmonia e numa ordem admiráveis, algo que brota de dentro, de almas em paz, suplicando a paz e a fraternidade para os homens.

Fátima, grande escola desta Terra! Ela ensina os portugueses a conhecerem Portugal. Ela os arrancou ao fundo dos vales e às encostas das montanhas, levando-os à descoberta de si mesmos, do seu Presente, do seu Passado e do seu Futuro.

Ela lhes revelou o sentido profundo do sobrenatural, os valores eternos que hão-de animar, para não se desgarrarem os valores do Tempo.

Ela, através do encontro com gentes de todo o Mundo, mesmo do Mundo altamente evoluído — também presente em Fátima desta vez — revelou à nossa gente que o valor supremo é Deus.

Fátima, 13 de Outubro 74.

Vida do Santuário

25.ª SEMANA GREGORIANA

Há 25 anos que a Liga dos Amigos do Canto Gregoriano organiza, com pleno êxito, semanas de estudo e difusão do canto gregoriano e da polifonia. A Igreja sempre encorajou o movimento em favor do canto gregoriano. Ainda recentemente o Papa Paulo VI, em carta dirigida ao cardeal Villot, enaltecia o valor do canto gregoriano na Liturgia da Igreja.

Na 25.ª Semana de Estudos Gregorianos, efectuada no Santuário de 19 a 27 de Setembro, participaram 62 pessoas (sacerdotes, religiosas, estudantes de ambos os sexos e outras pessoas) que, além de tomarem parte nas aulas de teoria gregoriana, solfejo e direcção polifónica, assistiram ainda a concertos de órgão e a conferências sobre o canto gregoriano.

À sessão de abertura, no dia 19, presidiu S. E. o cardeal D. António Ribeiro, patriarca de Lisboa, que, depois de ter palavras de louvor e gratidão para com a grande organizadora e impulsora destas Semanas, D. Júlia d'Almeida, durante os 25 anos passados, lhe entregou, por entre aplausos da assistência, a medalha «Pro Ecclesia et Pontifice» com que foi agraciada pelo Santo Padre Paulo VI.

Os professores e alunos da Semana Gregoriana participaram nas missas cantadas na Basílica, uma das quais, a do meio-dia de 22, foi transmitida pela Rádio Renascença com aplauso de muitos radiouvintes. À noite desse dia, o Prof. Michel Jollivet, professor do Con-

servatório de Paris, deu um concerto de órgão na Basílica que sensibilizou todos os semanistas e outros assistentes.

PEREGRINAÇÃO DE PENITÊNCIA DA GUARDA

A diocese da Guarda vem, desde há muitos anos, efectuando no mês de Setembro uma peregrinação de penitência à Fátima. A última parte do percurso é feita a pé e toda a jornada é feita a pão e água.

Os peregrinos deste ano, em número de alguns milhares, tiveram como intenção ganhar o jubileu do Ano Santo.

Presidiu a várias cerimónias (Eucaristia, via-sacra, hora-santa e procissão) o P. Manuel Francisco Cardoso, pároco de Celorico de Basto.

PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO ROSÁRIO

Organizada pelo Secretariado Nacional do Rosário, realizou-se nos dias 28 e 29 de Setembro a 19.ª Peregrinação Nacional do Rosário que reuniu na Cova da Iria mais de 5.000 peregrinos.

Os actos constaram de saudação a Nossa Senhora pelo P. Luís Cerdeira, director do Secretariado do Rosário, missa presidida pelo sr. reitor do Santuário, no dia 28, e, no dia 29, procissão com a imagem de Nossa Senhora e celebração de 15 sacerdotes sob a presidência do Rev. Frei Lourenço. Pregou o P. Cerdeira.

No fim, efectuou-se a consagração dos peregrinos a Nossa Senhora.

Homilia do Sr. Bispo de Coimbra na Peregrinação de Outubro

Caros Peregrinos de Fátima e meus Irmãos:

Vimos em peregrinação a Fátima e encontramos-nos aqui reunidos em volta do altar do Senhor, sob o olhar maternal de Maria, com o objectivo principal de alcançarmos de Deus a graça da reconciliação entre todos os membros da Família humana e, particularmente, entre todos os cristãos.

Ao encerrarmos a celebração do Jubileu nas nossas Igrejas locais, nós quisemos assim, na oração e na penitência, corresponder à vontade expressa do Santo Padre, que nos propôs, como fim a atingir no Ano Santo, a renovação espiritual em Cristo, em ordem à reconciliação com Deus e com os irmãos.

Num mundo em que as divisões e dissensões entre os homens assumem proporções inquietantes, esta nossa adesão às linhas programáticas do Ano Santo representa um compromisso sério de vivência da mensagem evangélica e uma resposta às «aspirações mais sinceras que vemos aflorar por toda a parte, onde quer que os homens tomem consciência dos problemas mais graves que se lhes põem» (Bula de proclamação do Ano Santo).

1. A reconciliação é um ponto essencial da mensagem cristã.

Na verdade, Jesus Cristo veio ao meio dos homens como reconciliador e pacificador. Como escreveu S. Paulo, «Deus reconciliou-nos consigo por meio de Cristo (2 Cor. 5,18). Com efeito, entregando-Se à morte, livre e amorosamente, o Senhor Jesus satisfez à justiça, obteve misericórdia, reconciliou os homens com Deus, restabelecendo relações vitais com Ele. Ao mesmo tempo, restituindo-nos a possibilidade de nos tornarmos seus filhos adoptivos, sanou as rupturas entre os homens, os quais já não são estranhos, mas irmãos, graças ao Seu Sacrifício redentor.

Mais ainda: «carregando os nossos pecados em Seu corpo, sobre a cruz» (1 Ped. 2, 23-24), o Senhor Jesus tornou-nos participantes da Sua vitória sobre o pecado, fonte de desagregação, de discórdia, de guerra. E, depois de nos ter libertado de todas as divisões, não nos quis deixar sem nos legar o Seu mandamento «novo» como resumo de toda a Sua doutrina e norma de vida para os Seus discípulos: «Amai-vos uns aos outros... amai os vossos inimigos; rezai por aqueles que vos maltratam e caluniam» (Luc. 6, 27).

2. Continuadora da missão de Jesus Cristo, a Igreja, que é um Povo de reconciliados, deve ser também uma Igreja que reconcilia, pois foi incumbida de prosseguir a obra da Redenção. Confiando aos Apóstolos o «serviço da reconciliação» (2 Cor. 5,18), o Senhor quis, na verdade, associar todo o Seu Corpo místico, «ca-

da uma das partes segundo a sua actividade» (Ef. 4,16), ao ministério da reconciliação, inaugurado por Ele com a Sua vinda, chamada «ano de graça do Senhor» (Luc. 4,19).

Atento aos desígnios salvíficos de Deus, consciente das suas responsabilidades, todo o Povo resgatado deve, portanto, assumir esta missão de paz em relação a todos os homens, a todos os grupos e comunidades, rasgando estradas, que conduzam a uma autêntica renovação da sociedade.

É esta uma tarefa que compete a todos os discípulos de Jesus, sem excepção — mas que pertence, especialmente aos jovens, como recentemente o reconheceram os jovens reunidos em Taizé, na sua mensagem dirigida a todos os homens: «somos um povo que adora a Deus, um povo que tem sede de justiça, que vive e luta pelos homens, povo de comunhão e frater-

esperança que todos depositamos numa sociedade mais perfeita, em que sejam eliminadas as injustiças, corrigidas as gritantes desigualdades sociais e resolvidos os problemas, que preocupam a vida nacional.

4. Evidentemente que a reconciliação autêntica e sincera não é fácil, visto que não se pode limitar a palavras, mas exige mudanças profundas no comportamento individual, nas relações sociais, nas leis e estruturas da mesma sociedade.

A reconciliação supõe, antes de tudo, o respeito absoluto pelos valores espirituais, entre os quais Deus ocupa o primeiro lugar, pois é o valor supremo e o único, verdadeiro e autêntico fundamento da justiça e da paz.

Mas para além do respeito pelos valores fundamentais do espírito, a reconciliação requer caridade no diálogo, lucidez na discussão, constância no trabalho, fortaleza de alma

O que é preciso é que cada um de nós, se quer ser instrumento de reconciliação e de paz, procure sintonizar com o Espírito de Deus, através da oração.

Foi essa, na verdade, a orientação que Nossa Senhora nos traçou, ao convidar os cristãos, neste lugar sagrado, a uma mais intensa e profunda vida de oração, como condição indispensável para se alcançar, na perfeita e íntima comunhão com Deus e os irmãos, o termo das guerras e discórdias, que dilaceram a humanidade.

Caros Peregrinos de Fátima:

Como disse o II Concílio Vaticano (GS. 3), a Igreja, a nossa Mãe, proclamando a nobilíssima vocação do homem e afirmando que um germe divino foi nele inserido, oferece a todos uma colaboração sincera em ordem à instauração duma fraternidade universal. Nenhuma ambição terrena move a Igreja. Ela tem em vista um só fim: continuar, sob o impulso do Espírito Santo, a obra de Cristo, que veio dar testemunho da verdade; que veio para salvar e não para condenar; para servir e não para ser servido.

Ora, neste espírito de serviço aos homens, a Igreja, pela minha humilde voz, nesta hora e neste santuário de reconciliação, convida-vos a assumir o compromisso solene de trabalhades, generosamente, pela reconciliação de toda a Família portuguesa.

Que o abraço da paz, que vamos dar, nesta Eucaristia, antes de recebermos o Senhor, o «Príncipe da Paz», exprima, verdadeiramente, a nossa vontade reconciliadora e o nosso desejo de merecermos, um dia, o elogio, que ouvirão os discípulos fiéis de Cristo:

«Felizes os construtores da paz, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt. 5,9).

Serviço Nacional de Doentes

Poderosas são estas considerações: mas, enquanto com elas se anima à resignação cristã o grosso do exército da cruz, uma porção escolhida vai subindo o seu calvário com os pés a verter sangue, a fronte trespassada de espinhos, os lábios ressequidos do muito padecer e, apesar de tudo, com passo firme e semblante alegre. Não precisam estes corações generosos de ponderar a utilidade da dor; move-os o martírio contínuo do bom Jesus sobre a terra, e o desejo de sofrerem por quem tanto sofreu.

Assim ia o Apóstolo das gentes exclamando: «Longe de mim outra glória que não seja a da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo».

Aos nossos olhos revestis o aspecto de Cristo sofredor, enquanto nos nossos corações já brilha a luz de Cristo ressuscitado.

Sim, na Igreja sois os pobres de saúde, que tendes necessidade de ajuda dos vossos irmãos saudáveis; mas vós enriqueceis estes irmãos, porque lhes recordais o essencial: a esperança e o amor.

Pedimos ao Senhor para fortificar em vós esta esperança, até nos momentos mais difíceis da vossa vida.

MARIA DE NORONHA



Os bispos portugueses que tomaram parte na peregrinação de encerramento da fase nacional do Ano Santo, sob a presidência de D. João António Saraiva, bispo de Coimbra.

nidade, onde até aquele que não crê tem lugar».

Ninguém melhor do que os jovens, que levam em si as sementes do futuro e conservam na sua alma a generosidade e o apego a ideais nobres, poderá contribuir para um mundo novo, em que a injustiça, a violência e o ódio desapareçam, para darem lugar à justiça, ao amor, à fraternidade.

3. Quanto seja necessária e urgente esta tarefa, no momento actual é fácil de verificar. Basta lançar o olhar por esse mundo além; basta estar atento ao que se passa entre nós.

Situações de injustiça, de que são vítimas centenas de milhões de seres humanos, persistem em vastas zonas do mundo. O egoísmo, o ódio e a violência continuam a caracterizar as relações entre os homens e entre comunidades. Discórdias e guerras vão destruindo os sonhos, as esperanças e conseiras daqueles que se dedicam à construção dum mundo, em que todos possam viver de harmonia com a sua dignidade de homens e de filhos de Deus.

No nosso País não deixam também de se verificar tensões e divisões, que podem comprometer, seriamente, a

e dinamismo, que façam superar os obstáculos à instauração da paz e da concórdia. Trabalhar pela reconciliação, com efeito, não significa cruzar os braços, nem demitir-se perante a mentira, o erro, a violência.

Trabalhar pela reconciliação é empenhar-se na luta contra todas as formas de injustiça, contra tudo o que vai contra Deus e contra o homem.

Trabalho difícil, delicado e demorado, a reconciliação não é, porém, uma tarefa votada ao insucesso, ou uma empresa utópica.

5. Consciente de que é chamado por Cristo para continuar a Sua obra de reconciliação, o cristão sabe que não está sozinho. A reconciliação é uma libertação. Ora se Deus pode libertar, o Espírito do Senhor, que desceu sobre Jesus e o levou a proclamar «o ano da graça do Senhor», estará também com o Seu discípulo e ajudá-lo-á a preencher todos os abismos de desconfiança e de ressentimento que separam os homens; a reparar as rupturas; a estabelecer um clima de diálogo fraterno, de aceitação total da personalidade de cada um, de modo a ser construtor de unidade.